

## Variabilidade Linguística

Observe o seguinte texto:

"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."

(Celso Cunha, em *Uma política do idioma*)

Segundo o texto, a língua é algo dinâmico ou estático? O autor reconhece algum tipo de superioridade ou de inferioridade entre as diversas diferenciações linguísticas existentes?

Se o falante adquire os princípios básicos da língua a partir do convívio com seus pares, então é natural pensarmos que existem diferentes formas de falar, em diferentes lugares, em diferentes classes sociais, em diferentes níveis de escolaridade.

Para clarear esse conceito, basta que pensemos no corpo, por exemplo. Embora todos tenhamos a mesma estrutura básica (coração, pulmões, ossos), um indivíduo nunca é igual a outro. Existem tantas variedades para tantos corpos existirem, mas, sem dúvida, todos temos corpos.

Da mesma forma, a língua pode sofrer determinadas variações, sem que isso a desconfigure como língua. Chamamos de **variantes** a essas múltiplas formas de apresentação linguística.

O texto analisado reforça essa necessidade de encarar a língua como algo dinâmico e múltiplo.

Todo ser humano interioriza uma série de preceitos gramaticais que permitem a comunicação verbal. Esse aprendizado é consequência do desenvolvimento normal do indivíduo, a partir do convívio com seus semelhantes, sem que seja necessária, por exemplo, a presença de um tutor. Todo falante de uma língua é, portanto, natural conhecedor de sua estrutura básica, o que permite a ele tecer relações comunicativas, ainda que não seja alfabetizado.

Existem dois **tipos básicos de variedades linguísticas**: os dialetos (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, dos emissores) e os registros (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, o que depende do receptor, da mensagem e da situação). Embora sejam extremamente numerosas as variantes decorrentes dessa divisão, vamos concentrar nossos estudos em três: as regionais, as sociais e as de registro.

- Variantes regionais

Não é difícil perceber que, num país de dimensões continentais, como o Brasil, exista uma grande sorte de variantes regionais. Embora não sejamos capazes de mapear todas as possibilidades existentes, é possível reconhecer algumas delas, principalmente as que são bem delimitadas geograficamente, como a nordestina ou a sulista. Existe ainda uma variante interiorana, presente, como o nome sugere, nas regiões interiores de grandes estados brasileiros, como São Paulo.

As variantes regionais brasileiras são perceptíveis, principalmente, devido a dois fatores: o fonológico (pronúncia, entonação) e o vocabular (uso de palavras distintas para designar o mesmo referente, palavras com sentidos que variam de uma região para outra). A sintaxe da língua portuguesa permanece, basicamente, a mesma.

Claro que, entre os diferentes países lusófonos, a questão acima se repete. O trecho abaixo, do romance "A vida verdadeira de Domingos Xavier", do escritor angolano José Luandino Vieira, mostra um pouco do português usado em Angola.

**Miúdo** Zito entrou a correr no pequeno compartimento que servia de sala e, atravessando no quintal, viu o avô, ao fundo, junto às **aduelas**. Parou, ofegante, e depois chamou:

- Vavô! Vem depressa. Tem preso!

Velho Petelo se virou e interrogou com seus olhos pequenos, piscando na luz do sol da manhã coado nas folhas da mandioqueira:

- Menino disse tem preso? Viste com teus olhos?

Arrastando a perna esquerda e seguido por miúdo Zito, atravessou na sala e saiu para o areal vermelho. Rodearam na **cubata** de sô Miguel, e, em frente, onde já se aglomeravam algumas mulheres com seus **monas** escondidos nos panos, viram o homem que fazia esforços para descer da **carrinha**, debaixo das pancadas de dois **cipaio**s.

**miúdo** - garoto.

**aduelas** - tábuas de barril usadas para formar cercas delimitando o quintal.

**cubata** - habitação feita de restos de materiais de construção; barraco, casebre.

**monas** - crianças.

**carrinha** - caminhonete aberta, tipo pick-up.

**cipaio**s - policiais africanos, encarregados de policiar a população africana.

- Variantes sociais

Essas variantes não seguem a gramática normativa, mas o contexto social de origem, sendo, pois, determinada pelo estrato social, pela idade e até pelo gênero do falante.

Os elementos de coloquialidade e os elementos da norma culta podem conviver num mesmo agrupamento social, desde que utilizados adequadamente em seus contextos comunicativos. No Brasil, entretanto, ainda impera certa tradição nobiliárquica que chega a ridicularizar as variantes linguísticas das camadas sociais sem acesso à educação formal.

O estudo da variante culta, pelo seu poder de coesão e pela sua importância social, deve sempre ser desenvolvido e valorizado. É fundamental que isso fique claro desde já. Afinal, é essa a variante que devemos buscar para conseguir um contato claro com qualquer outro usuário da nossa língua, quando os contextos sociais forem muito distintos. Isso não significa, entretanto, que essa manifestação seja mais importante ou que seja a única possível. Esse tipo de concepção é indesejável porque leva ao preconceito linguístico e à segregação social.

Podemos, ainda, incluir, nesse conjunto de variantes, as especificidades linguísticas de grupos sociais restritos: os jargões profissionais e as gírias. Muitas vezes, esses grupos utilizam a linguagem com sutilezas que não permitem a um receptor despreparado dominar com perfeição o assunto que se está desenvolvendo. Isso pode, por exemplo, servir como instrumento de poder para o emissor em certas situações ou, sob outro prisma, como elemento de identificação e aproximação social.

É preciso cuidado do falante para usar esse tipo de variante. É preciso que o receptor, em alguns casos, seja capaz de compreender a comunicação de imediato, sem ambiguidades ou erros de interpretação. Um médico que enuncie "Pacientes com história de reação de hipersensibilidade a outras drogas ou substâncias podem constituir um grupo de maior risco e apresentar efeitos colaterais mais intensos, até mesmo choque. Neste caso, o tratamento deve ser imediatamente suspenso e tomadas as providências médicas adequadas: colocar o paciente deitado com as pernas elevadas e as vias aéreas livres" deve ter ciência de que o receptor conhece todas as palavras envolvidas nessa frase, sob pena de gerar desconfortos e indignações diversas.

- Variantes de registro

No nosso cotidiano, entramos em contato com diferentes pessoas, em diferentes situações sociais. Para potencializar sua capacidade comunicativa, o usuário da língua deve estar atento ao grau de formalismo que utilizará na sua construção linguística. Isso vai fazer com que sejam pensados, com mais cuidado, o vocabulário e a sintaxe a serem utilizados. Observe:

"Meu camarada, quero te pedir um grande favor." (registro informal)

"Venho solicitar a Vossa Senhoria o obséquio de me conceder um favor." (registro formal)

Analise, ainda, este outro texto, de Oswald de Andrade:

Pronominais

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.

Outro ponto a ser considerado é o interlocutor que se busca alcançar. Evidentemente, não utilizaremos o mesmo registro para nos dirigirmos a uma namorada ou a um amigo e a um chefe: trata-se de graus diferentes de intimidade e de relacionamento.

É preciso escolher um modo de dizer que seja adequado a cada situação específica. Adaptar o nível da linguagem ao receptor já é, por si, uma grande peça para formar o ato comunicativo.

Atenção:

A oralidade também merece destaque. O discurso falado também apresenta características próprias, inclusive no campo da sintaxe, já que, nessa modalidade, incorporam-se hesitações, mudanças de raciocínio e truncamento de palavras. Veja o poema seguinte, também de Oswald de Andrade:

---

## Vício na Fala

Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió  
Para pior pió  
Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados

Isso não significa, é claro, predominância da oralidade sobre a escrita ou da escrita sobre a oralidade. Ambas as formas são legítimas e servem a específicas situações sociais. No entanto, sabemos que a pessoa que "fala", mas não "escreve" nem "lê", vê-se limitada numa sociedade em que a comunicação escrita tem um papel fundamental na transmissão de conhecimentos.

Apresentamos algumas características do discurso oral:

- marcadores de hesitação: ah, eh, ahn, alongamento de vogais
- marcadores fáticos para busca ou manifestação de apoio: sabe? , né?, certo?, entende?, sei, certo, lógico, ah sim
- modalizadores que atenuam a atitude do falante: eu acho que, sei lá, assim
- marcadores de retificação: quer dizer
- repetições vocabulares e fragmentações sintáticas

Analisamos a existência de múltiplas variantes linguísticas, mas também deixamos claro que o usuário deve sempre buscar a situação mais adequada para exercer uma de suas diversas competências de linguagem.

Veja esta letra de Vinicius de Moraes:

### Carta Ao Tom

Rua Nascimento Silva, 107  
Você ensinando pra Elizete  
As canções de canção do amor demais  
Lembra que tempo feliz  
Ah! que saudade  
Ipanema era só felicidade  
Era como se o amor doesse em paz  
Nossa famosa garota nem sabia  
A que ponto a cidade turvaria  
Esse Rio de amor que se perdeu  
Mesmo a tristeza da gente era mais bela  
E além disso se via da janela  
Um cantinho de céu e o Redentor  
É, meu amigo, só resta uma certeza  
É preciso acabar com essa tristeza  
É preciso inventar um novo amor

Rua Nascimento Silva, 107  
Eu saio correndo do pivete  
Tentando alcançar o elevador  
Minha janela não passa  
De um quadrado  
A gente só vê cimento armado  
Onde antes se via o Redentor  
É, meu amigo, só resta uma certeza  
É preciso acabar com a natureza  
É melhor lotear o nosso amor

O texto apresenta uma linguagem coloquial, íntima, perceptível no uso de gírias (“pivete”, por exemplo), nos vocativos carinhosos (“meu amigo”) e nas expressões emotivas (“Ah! Que saudade”).

Isso é possível porque, desde o título (“Carta ao Tom”), sabemos que há certa proximidade entre os interlocutores. O tom de desabafo contido no discurso confirma a tese de que ambos, emissor e receptor, possuem uma cumplicidade que permite abrir mão do discurso formal, para que, sem as amarras da norma culta, a emoção possa transbordar com facilidade. O contexto da composição, portanto, permite essa descontração e o uso dessa variante linguística.

Imaginemos, agora, outra situação. Um jovem vai a uma entrevista de emprego para o cargo de atendente de uma loja especializada em trajes elegantes, com uma clientela composta por pessoas pertencentes a um alto estrato econômico. O dono do estabelecimento, um senhor com certa idade, pergunta ao jovem por que ele quer o emprego. Ele responde: “Pô, bróder... Não quero mais dar mole com as parada, tá ligado? Esse trampo era uma boa pra mim... Tava com umas parada muito erradas na cabeça...”.

Percebe-se, claramente, que houve uma inadequação entre o contexto social e o registro linguístico. Por isso, reforçamos a necessidade de domínio da variante culta, para que possamos nos movimentar em qualquer contexto.

Observe este trecho, do romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos:

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convenciam-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Seu Tomás da Bolandreira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

O fragmento apresenta dois personagens com domínios linguísticos distintos. Explicitamente, “Seu Tomás” é descrito como alguém que “falava bem”, utilizando “palavras difíceis”. Já “Fabiano” é alguém que “não tinha nascido para falar certo”. Perceba que o narrador insere no plano linguístico as diferenças sociais que representam um e outro personagem, reforçando dessa forma a verossimilhança do enredo.

Na literatura modernista brasileira, por exemplo, tivemos vários exemplos de autores que utilizaram elementos característicos de variantes regionais mais restritas e de variantes sociais de grupos menos abastados financeiramente para construir, com isso, um grande mosaico da nossa cultura, ampliando as possibilidades da escrita literária e ajudando a definir nossa identidade nacional, como fica claro neste trecho de Manuel Bandeira:

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada...”

## Exercícios

1. Motivadas ou não historicamente, normas prestigiadas ou estigmatizadas pela comunidade sobrepõem-se ao longo do território, seja numa relação de oposição, seja de complementaridade, sem, contudo, anular a interseção de usos que configuram uma norma nacional distinta da do português europeu. Ao focalizar essa questão, que opõe não só as normas do português de Portugal às normas do português brasileiro, mas também as chamadas normas cultas locais às populares ou vernáculos, deve-se insistir na ideia de que essas normas se consolidaram em diferentes momentos da nossa história e que só a partir do século XVIII se pode começar a pensar na bifurcação das variantes continentais, ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios.

*CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (adaptado).*

O português do Brasil não é uma língua uniforme. A variação linguística é um fenômeno natural, ao qual todas as línguas estão sujeitas. Ao considerar as variedades linguísticas, o texto mostra que as normas podem ser aprovadas ou condenadas socialmente, chamando a atenção do leitor para a:

- a) Desconsideração da existência das normas populares pelos falantes da norma culta.
- b) Difusão do português de Portugal em todas as regiões do Brasil só a partir do século XVIII.
- c) Existência de usos da língua que caracterizam uma norma nacional do Brasil, distinta da de Portugal.
- d) Inexistência de normas cultas locais e populares ou vernáculos em um determinado país.
- e) Necessidade de se rejeitar a ideia de que os usos frequentes de uma língua devem ser aceitos.

### 2. MANDIOCA — mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações da *Manihot* utilíssima podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: pão-de-pobre — e por motivos óbvios.

Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

*O melhor do Globo Rural. Fev. 2005 (fragmento).*

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot* utilíssima, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que:

- a) Existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) Mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) “Pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.
- d) Os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) A planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.



3. Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.

Queiroz, R. *O Estado de São Paulo*. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se:

- a) Na fonologia.
- b) No uso do léxico.
- c) No grau de formalidade.
- d) Na organização sintática.
- e) Na estruturação morfológica.

4. Pela evolução do texto, no que se refere à linguagem empregada, percebe-se que a garota:



- a) Deseja afirmar-se como nora por meio de uma falsa poética.
- b) Utiliza expressões linguísticas próprias do discurso infantil.
- c) Usa apenas expressões linguísticas presentes no discurso formal.
- d) Se expressa utilizando marcas do discurso formal e do informal.
- e) Usa palavras com sentido pejorativo para assustar o interlocutor.

5. O “politicamente correto” tem seus exageros, como chamar baixinho de “verticalmente prejudicado”, mas, no fundo, vem de uma louvável preocupação em não ofender os diferentes. É muito mais gentil chamar estrabismo de “idiossincrasia ótica” do que de vesguice. O linguajar brasileiro está cheio de expressões racistas e preconceituosas que precisam de uma correção, e



até as várias denominações para bêbado (pinguço, bebo, pé-de-cana) poderiam ser substituídas por algo como “contumaz etílico”, para lhe poupar os sentimentos.

O tratamento verbal dado aos negros é o melhor exemplo da condescendência que passa por tolerância racial no Brasil. Termos como “crioulo”, “negão” etc. são até considerados carinhosos, do tipo de carinho que se dá a inferiores, e, felizmente, cada vez menos ouvidos. “Negro” também não é mais correto. Foi substituído por afrodescendente, por influência dos afro-americanos, num caso de colonialismo cultural positivo. Está certo. Enquanto o racismo que não quer dizer seu nome continua no Brasil, uma integração real pode começar pela linguagem.

*VERÍSSIMO, L. F. Peixe na cama. Diário de Pernambuco. 10 jun. 2006 (adaptado).*

Ao comparar a linguagem cotidiana utilizada no Brasil e as exigências do comportamento “politicamente correto”, o autor tem a intenção de:

- a) Criticar o racismo declarado do brasileiro, que convive com a discriminação camuflada em certas expressões linguísticas.
- b) Defender o uso de termos que revelam a despreocupação do brasileiro quanto ao preconceito racial, que inexistia no Brasil.
- c) Mostrar que os problemas de intolerância racial, no Brasil, já estão superados, o que se evidencia na linguagem cotidiana.
- d) Questionar a condenação de certas expressões consideradas “politicamente incorretas”, o que impede os falantes de usarem a linguagem espontaneamente.
- e) Sugerir que o país adote, além de uma postura linguística “politicamente correta”, uma política de convivência sem preconceito racial.

---

## Gabarito

1. C
2. A
3. A
4. D
5. E